

REPENSANDO A MISSÃO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A TEOLOGIA DE MISSÃO DOS BATISTAS BRASILEIROS

Fábio Aguiar Lisboa¹

<http://lattes.cnpq.br/8414126607713053>

Resumo: Este trabalho tem o intuito de lançar um olhar crítico sobre a teologia de missão dos batistas brasileiros. Para isto analisa os escritos, publicados em O Jornal Batista, de dois personagens que possuem posições que representam duas vertentes representativas do modo de pensar deste grupo.

Palavras-chave: Missão; Missões; Batistas; O Jornal Batista; Identidade.

Abstract: This paper aims to cast a critical eye on the theology of mission of the brazilian baptists. To accomplish this analyzes the writings, published in O Jornal Batista, of two characters who have positions that represent two options of thinking of this group.

Keywords: Mission; Missions; Baptists; O Jornal Batista; Identity.

Introdução

Na contemporaneidade é comum se ouvir falar da necessidade de se definir a missão de uma instituição ou empresa, pois afiança-se que esse elemento é fundamental para que uma organização alcance uma atuação de sucesso.

Ao se observar as ações da igreja é possível perceber que uma dinâmica semelhante acontece com ela. Apesar de a igreja não se constituir como uma organização que tenha como objetivo final o lucro ou a comercialização de um determinado produto, ela deve ter clara qual é a sua missão caso queira atingir seus alvos.

A partir do apresentado até então algumas questões surgem: Onde, e como, encontrar a definição da missão da igreja? Há apenas um paradigma válido de missão da igreja? Em que medida

¹ Formado em Teologia pelo STBSB, em Comunicação Social/Jornalismo pela Facha e em Ciências Sociais pela UFRJ. E-mail: fabioaguiarlisboa@gmail.com

o paradigma de missão adotado por uma igreja define a prática de seus membros? Como mensurar se o paradigma de missão da igreja contemporânea é adequado para responder às demandas com as quais a mesma se depara?

Para a realização deste estudo o autor tem como uma de suas teses a seguinte afirmação: a definição de missão da igreja tem um papel fundamental para a formação da cosmovisão (visão de mundo) dos membros desta instituição. Isto faz com que se depreenda que a forma como o cristão entende e se relaciona com o mundo seja produto direto da definição de missão da igreja da qual ele faz parte.

Este trabalho tem o intuito de lançar um olhar crítico sobre a teologia de missão dos batistas brasileiros². Para isto foi feita a opção de analisar os escritos de dois personagens que possuem posições que representam duas vertentes muito fortes do modo de pensar deste grupo.

Também é necessário salientar que este estudo foi realizado a partir da suspeita do autor de que a igreja encontra-se em um momento no qual tem uma necessidade urgente de repensar o seu paradigma de missão. A falta de reavaliação do mesmo prejudica a atuação desta instituição, pois os membros da mesma agem, muitas vezes, sem possuírem a compreensão do sentido e da validade de sua atuação.

O intuito deste trabalho não foi o de encerrar (dar conta) de assunto tão complexo e abrangente. Porém, foi o de chamar a atenção para a necessidade de os batistas brasileiros se lançarem em um estudo exaustivo e crítico sobre a sua percepção de qual é a missão da igreja. O fato é que, em um momento no qual o mundo passa por inúmeras mudanças e se fala no âmbito da denominação batista da necessidade de se buscar uma identidade³ e a união entre os batistas do Brasil, é necessário que os batistas brasileiros tenham plena consciência de qual é a sua missão para que possam ter uma ação que confirme a sua relevância como grupo.

² A categoria batistas brasileiros é usada neste trabalho para se referir especificamente aos batistas vinculados à Convenção Batista Brasileira (CBB). Segundo o pastor e professor Lourenço Stelio Rega, esta é uma nomenclatura adotada “no jargão evangélico do Brasil”. Ele afirma que esta categoria não abarca “outros segmentos da tradição batista presentes no Brasil, tais como os batistas renovados filiados à Convenção Batista Nacional, os batistas regulares, os batistas independentes, batistas do sétimo dia e batistas não filiados a qualquer associação ou convenção associacional” (REGA, 2001, p. 27).

³ Uma das categorias que recebem cada vez maior atenção nos estudos realizados no campo das Ciências Humanas é a da identidade. Na contemporaneidade aceita-se cada vez mais a percepção de que, ao invés de essências imanentes, as identidades (sejam elas individuais, institucionais ou coletivas) são resultados de processos de construção que se dão em diversos âmbitos da sociedade por meio da ação de inúmeros atores. Consequência direta desta mudança é que as identidades (sejam elas nacionais, culturais ou de outras espécies) deixam de ser elementos que tendem à fixidez, como ocorreu em momentos anteriores da história, e passam, no momento atual, a ter um caráter variável e descartável, como afirmam Hall (1999) e Featherstone (1996).

A Chegada do Protestantismo à América Latina

Em um debate sobre os paradigmas de teologia da missão encontrados entre os batistas no Brasil é necessário, antes de tudo, um olhar mais amplo sobre o contexto no qual este grupo⁴ se estabeleceu no Brasil. Assim, o primeiro passo será o de descrever como se deu a chegada do protestantismo à América Latina.

Antecedentes

Antes de falar especificamente sobre a chegada do protestantismo à América Latina é necessário descrever o que acontecia no mundo antes deste evento. O ponto de partida será o contexto no qual se deu a chegada dos europeus à América.

Ao se olhar para a Europa no século XV o que se encontra ali é um continente no qual dois países lutam para alcançar alguma proeminência: Espanha e Portugal. Um pouco antes da descoberta das Américas, tanto Espanha como Portugal haviam acabado de vivenciar um momento histórico que ficou conhecido como reconquista⁵. Aqui é necessário afirmar que a reconquista exerce papel central na formação da mentalidade do europeu da época em questão. Europeu este que posteriormente iria ter contato com a América (GONZÁLEZ, 2010, p. 15).

Após garantirem novamente o controle da Península Ibérica, tanto a coroa espanhola quanto a portuguesa começaram a aumentar seus esforços para ampliarem sua área de influência em diferentes pontos do mundo até então conhecido. Os dois países fazem isto por meio do estabelecimento de novas colônias que lhes garantiriam riquezas. Além disso, estes países desejavam estabelecer novas rotas comerciais em direção às Índias.

Com isto em mente, Portugal se lança a esta empreitada um pouco antes de seus vizinhos. Porém, quando a coroa portuguesa entra de forma efetiva neste desafio, a Espanha decide apostar no projeto apresentado pelo genovês Cristóvão Colombo. Segundo o navegador, seria possível alcançar as Índias por uma rota diferente da usualmente utilizada. Para isto, ao invés de seguir para o leste, circundando a África, seria necessário desbravar o Oceano Atlântico seguindo para o oeste. Colombo parte da Europa no dia 3 de agosto de 1492. Em 12 de novembro de 1492 a expedição

⁴ Aqui vale fazer a ressalva de que, por conta de suas singularidades de organização e de autopercepção, os batistas no Brasil não podem ser considerados um grupo homogêneo. Assim, o uso da categoria grupo para distinguir os batistas no Brasil pode ser considerada uma simplificação equivocada. Porém, este será um risco assumido de forma consciente para se referir aos batistas vinculados à Convenção Batista Brasileira.

⁵ A reconquista é um movimento que tinha como objetivo garantir a recuperação da Península Ibérica de grupos árabes.

liderada pelo genovês chega às Bahamas, localidade que chamou de Índias Ocidentais. A partir deste momento, e da posterior constatação de que aquele era um território até então desconhecido, o mundo nunca mais foi o mesmo⁶.

Igreja Católica

A chegada do protestantismo à América Latina se dá inicialmente através da ação dos povos da Europa. Porém, este é um movimento que não acontece de início. Como Portugal e Espanha eram católicos, e como os mesmos foram precursores, entre os europeus, no contato com a América, de início a religião a chegar a este território foi o catolicismo.

Esta presença católica começa a ser sentida na América desde a chegada dos navios capitaneados por Colombo a este território. Isto acontece pelo fato de tanto Espanha como Portugal terem o seu contato com os povos do “novo mundo”⁷ modelado a partir do ideário católico. Para este ideário, um elemento que ocupa papel de protagonismo é o espírito da reconquista. Segundo esta lógica, assim como promoveram o restabelecimento do catolicismo na Península Ibérica, Espanha e Portugal desejavam promover sua fé no novo território encontrado, pois acreditavam que esta era a sua responsabilidade diante dos habitantes do “novo mundo”.

No entanto, este contato entre europeus católicos e os povos da América, que possuíam suas religiões particulares, não aconteceu em um contexto de respeito à diferença. Na verdade o que aconteceu foi o início de uma onda de intransigência religiosa na qual os europeus tentavam fazer com que a população americana assumisse a fé católica a qualquer custo.

Porém, seria uma demonstração de simplificação afirmar que a atuação dos religiosos católicos na América Latina no momento da chegada dos europeus se dava apenas por meio do apoio a uma dinâmica de dominação na qual o desrespeito ao diferente foi a tônica. Também é possível encontrar exemplos de líderes católicos que tentaram promover suas crenças religiosas

⁶ Segundo o teólogo luterano Roberto Ervino Zwetsch, algumas avaliações mais recentes da chegada dos europeus à América são de teor muito negativo. Um dos exemplos é a fala de Virgil Elizondo e Leonardo Boff sobre o que representa o dia 12/10/1492 para a América Latina e Caribe: “A sua grande sexta-feira santa de paixão e de sangue, que continua até os dias de hoje, sem conhecer o domingo da ressurreição” (apud ELIZONDO, 1990, p. 6-9). Roberto Ervino Zwetschn afirma isto considerando o fato de que a destruição causada pelos europeus após sua chegada alcançou 90% da população das Américas (ZWETSCH, 2007, p. 21).

⁷ Esta é outra forma de definir a América que evidencia como o ponto de vista dos europeus tende a ser privilegiado nesta narrativa. Ao se considerar que a América é o “novo mundo”, deixa-se claro que a história é contada a partir dos europeus, os habitantes do mundo até então conhecido, o “velho mundo”.

mantendo uma atitude de respeito frente aos povos da América Latina. Talvez o melhor representante desse grupo seja o frade dominicano espanhol Bartolomé de Las Casas⁸.

Os Primeiros Protestantes Na América Latina

A presença protestante não foi sentida imediatamente após a chegada dos europeus à América Latina. Alguns fatores justificam este diagnóstico. O primeiro, já apresentado anteriormente, foi o fato de Portugal e Espanha serem países católicos e estarem profundamente envolvidos na propagação desta fé.

Em segundo lugar é necessário ter em mente que logo após a descoberta do “novo mundo” a Europa fervilhava em decorrência da Reforma Protestante⁹. O temor de que suas novas colônias pudessem receber influência do movimento reformador, considerado herético pela Igreja Católica, fez com que Espanha e Portugal se esforçassem para impedir a entrada de qualquer indivíduo que tivesse alguma vinculação com o mesmo. Além disso, é necessário ter claro que nos primeiros anos de conquista e colonização as coroas de Portugal e Espanha possuíam o domínio dos mares, em razão de suas amplas e poderosas frotas.

No entanto, apesar de todo o cuidado para evitar a chegada do protestantismo à América Latina, o mesmo alcançou o “novo mundo” por intermédio de autoridades da Espanha.

Protestantismo de imigração

Antes de se falar especificamente de como se deu a experiência do protestantismo de imigração na América Latina é necessário tentar definir no que consiste este fenômeno. Para isto será usada a tipologia do teólogo luterano Roberto Ervino Zwetsch:

Define um tipo de igrejas que se formou na América Latina desde que os primeiros residentes de países europeus vieram para a América Latina.

⁸ No ano de 1502, Bartolomé de Las Casas foi para a América para participar dos esforços de colonização empreendidos pela coroa espanhola, onde atuou da forma até então usual, subjugando a população indígena a seu domínio, inclusive a mantendo sob regime de escravidão (GONZÁLEZ, 2010, p. 54). Porém, no ano de 1507 ele segue para Roma, onde se torna sacerdote. Após o final de seus estudos ele retorna para a América, onde, após algum tempo, passa a modificar a sua percepção sobre a forma como os europeus tratavam a população indígena. Las Casas passa então a combater os abusos realizados contra os indígenas, abrindo inclusive mão de seus direitos de colonizador, e passa a se dedicar à promoção da ideia de que o papel dos espanhóis no “novo mundo” era apenas de cristianizar os povos ali presentes, não subjugar-los e dominá-los.

⁹ Este Movimento teve o seu ápice no dia 31 de outubro de 1517, oportunidade na qual o monge alemão Martinho Lutero pregou as 95 Teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg.

Isto se refere, por exemplo, a comunidades anglicanas ou de outras nações europeias. O exemplo melhor são as igrejas que se formaram a partir da vinda de imigrantes protestantes e evangélicos que, junto com o objetivo de uma nova vida, trouxeram para a América Latina sua fé, formas de culto e vivência comunitária (ZWETSCH, 2007, p. 39).

Carlos V, o imperador do Santo Império Romano e da Espanha (como Carlos I de Castela), possuía uma grande dívida com os banqueiros da casa de Welser. Como forma de cancelar esta pendência, ele permitiu que este grupo colonizasse uma região da atual Venezuela. É importante salientar que esta colônia não tinha qualquer objetivo de caráter de promoção religiosa, mas apenas de ser uma fonte de riqueza. Como o mesmo não aconteceu, a mesma acabou sendo abandonada em 1546.

Um segundo episódio foi o da tentativa de estabelecimento de uma colônia francesa no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, no ano de 1555. Liderada pelo vice-almirante Nicolas Durand de Villegagnon, a empreitada contava em grande parte com huguenotes (protestantes franceses), mas também possuía calvinistas de Genebra. No entanto, o projeto liderado por Villegagnon, conhecido como França Antártica, durou apenas até o ano de 1559, pois foi desmantelado por forças leais à coroa portuguesa (AZEVEDO, 1980, p. 54).

O controle de Portugal e Espanha sobre o território de suas colônias nas Índias Ocidentais seria muito prejudicado após a derrota da Invencível Armada¹⁰ no ano de 1588, episódio a partir do qual se tornaram mais comuns as operações de barcos com bandeiras de outros países, como Inglaterra, Holanda e França. Este foi um fator determinante para que houvesse uma presença protestante pontual em vários territórios da América Latina.

Algum tempo depois as colônias espanholas começam a experimentar um crescimento da presença protestante por meio da imigração realizada com governos de caráter liberal “cujos líderes, mesmo permanecendo católicos e tendo pouca simpatia teológica pelo protestantismo, sentiam que a liberdade religiosa tanto era um valor em si mesma quanto uma concessão necessária para os potenciais imigrantes” (GONZÁLEZ, 2010, p. 285).

Esta também foi uma dinâmica que aconteceu no Brasil, principalmente após a independência do país, pois o imperador Pedro II incentivava a imigração e promovia a liberdade religiosa. Desta

¹⁰ A Invencível Armada foi uma esquadra reunida pelo rei da Espanha no ano de 1588 com o intuito de suplantar a força marítima da Inglaterra.

forma, a partir do século XIX começaram a aparecer casas de culto protestantes na América Latina. É importante frisar que estas iniciativas não tinham o intuito de converter a população local à sua fé, mas sim oferecer um local de culto a imigrantes.

Protestantismo de missão

Ao se falar de protestantismo de missão, antes de tudo é necessário definir em que consiste este fenômeno, que:

Normalmente configura as igrejas nascidas do projeto missionário oriundo principalmente, mas não exclusivamente, dos EUA, no século XIX. São as igrejas presbiterianas, metodistas, congregacionais, batistas, além de muitas igrejas livres ou independentes que surgiram a partir de sociedades de missão ou missões de fé, normalmente de cunho interconfessional. Este tipo procede, normalmente, do protestantismo do sul dos EUA, conservador e racista, e articulou-se normalmente como uma proposta para a classe média. Quando oriundo do norte daquele país, apresentou um perfil mais liberal, aberto à discussão e tolerante em relação às formas de catolicismo com as quais entrou em contato. Este protestantismo adotou a educação como um de seus principais métodos de evangelização (ZWETSCH, 2007, p. 39).

A partir do final do século XIX um novo fenômeno começa a ser registrado na América Latina, a chegada de grupos protestantes que possuem a clara intenção de propagarem a sua fé na região. Ao contrário de momentos anteriores, no qual o protestantismo chegou à América Latina de forma acessória, como mais um dos elementos do estilo de vida dos imigrantes, agora a motivação era justamente propagar esta fé ao maior número possível de pessoas.

Para o cumprimento deste objetivo estes indivíduos contavam com algumas estratégias que tinham o objetivo claro de influenciar a sociedade latino-americana. Entre elas devem ser destacadas as iniciativas de caráter educacional e o envio de pastores e missionários.

Em meio a esta dinâmica é importante salientar que entre os grupos protestantes a chegarem à América Latina nesta época os norte-americanos são os de maior representatividade. Por trás desta

tendência estão algumas motivações religiosas, mas também podem ser identificadas outras, mas de natureza política e social.

A primeira motivação, à qual poderíamos identificar como religiosa, é a percepção de que “Deus, em sua providência, escolhera as nações do ocidente, com base em suas qualidades únicas, para serem os porta-bandeiras de sua causa, inclusive nos confins da terra” (BOSCH, 2002, p. 362). Esta motivação faz parte da percepção conhecida como Doutrina do Destino Manifesto, segundo a qual Deus teria escolhido alguns países, no caso os Estados Unidos, para serem seus representantes ao redor do mundo.

Esta percepção trouxe consequências políticas e sociais. No aspecto político, os norte-americanos passaram a expandir seus domínios territoriais, com a obtenção de novas terras. Já no campo social, este país passou a promover em outros países um estilo de vida que considerava o mais adequado para a humanidade, o estilo de vida norte-americano. Segundo Antonio Gouvêa de Mendonça e Prócoro Velasques Filho, este estilo de vida tinha como componentes o “patriotismo, racismo e protestantismo” (MENDONÇA, 1990, p. 31).

A Chegada dos Batistas

No ano de 1848, a Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos aprovou a proposta de abertura de um campo missionário no Brasil, sendo que o plano era começar este trabalho a partir do ano de 1850 (OLIVEIRA, 1999, p. 47). No entanto, o trabalho começou efetivamente apenas 10 anos mais tarde. O primeiro registro de um representante batista no país é do ano de 1860, oportunidade na qual o missionário americano Thomas Jefferson Bowen chega ao país após uma temporada trabalhando na Nigéria.

Segundo a historiografia oficial da Convenção Batista Brasileira, a presença no Brasil de Bowen, que atuou junto a escravos que falavam o dialeto iorubá (que aprendeu durante sua temporada na África), durou apenas 8 meses. Em razão de problemas de saúde ele acabou retornando a seu país (SOUZA, 2010, p. 59).

No entanto, a historiadora Betty Antunes de Oliveira afirma que as dificuldades encontradas por Bowen para iniciar o trabalho no território brasileiro foram determinantes para que a família do mesmo, mais especificamente a sua esposa, Lurena Henrietta Davis, tomasse a decisão de retornar para os Estados Unidos (OLIVEIRA, 2005, p. 127-128).

O segundo registro da presença batista no Brasil acontece alguns anos depois, quando “um grupo de colonos norte-americanos sulistas, derrotados na guerra entre o sul e o norte, desembarcou no Brasil, em Santa Bárbara D’Oeste (SP)” (SOUZA, 2010, p. 59).

Como grande parte deste contingente era de batistas, no dia 10 de setembro de 1871 eles organizaram a Primeira Igreja Batista em território brasileiro. Porém, é importante destacar que este não é considerado o marco inicial do trabalho realizado pelos batistas do Brasil no país, pois o mesmo não tinha o objetivo de evangelização. Isto apenas se dá no ano de 1882, oportunidade na qual “foi organizada a Primeira Igreja Batista da Bahia, voltada para a evangelização do Brasil” (SOUZA, 2010, p. 60).

Com o passar do tempo o trabalho dos batistas no Brasil experimenta um novo desenvolvimento, com a abertura de novas igrejas e o aumento de participantes nas mesmas. Como produto deste desenvolvimento, no dia 22 de setembro de 1907, em reunião com a presença de 43 líderes na cidade de Salvador (BA), é organizada a Convenção Batista Brasileira, e suas 7 juntas, sendo as duas principais as juntas missionárias.

Segundo o professor Lourenço Stelio Rega, o assunto principal da 1ª Assembleia da CBB foi missões, o que era uma consequência natural de um encontro realizado em um contexto no qual a visão de um protestantismo missionário e convercionista é muito forte.

O Movimento Batista

A origem dos batistas, tanto no mundo como no Brasil, apresenta inúmeras versões, com algumas controvérsias que dão margem a debates inflamados protagonizados por aqueles que se identificam como participantes deste grupo.

Já que o objeto central deste trabalho não é definir a origem do movimento batista, vai se optar pela historiografia deste grupo considerada oficial pela Convenção Batista Brasileira, deixando de lado as versões e controvérsias¹¹.

¹¹ Uma das versões, ainda muito aceitas em meio aos batistas, é a conhecida como o rasto de sangue. Segundo ela, os batistas são fruto de uma sequência ininterrupta de grupos cristãos que não se filiaram à Igreja Católica. A origem deste grupo estaria na tríade JJJ, João Batista, Jordão, Jerusalém. Segundo esta teoria, os batistas não são protestantes, pois nunca fizeram parte da Igreja Católica. Esta teoria ganhou muita visibilidade com a publicação do livro “Rasto de Sangue”, de autoria de J. M. Carroll.

O Início do Movimento

Segundo o pastor e professor Israel Belo de Azevedo, não é possível definir um ponto ou momento específico para o surgimento do movimento batista. Isto ocorre porque o mesmo não surge de ações de um grupo ou igreja específica, mas sim de uma mudança de mentalidade, percepção teológica, de alguns ingleses (AZEVEDO, 2004, p. 116).

Estes cristãos são fortemente influenciados pela Reforma Protestante, evento histórico que influenciou muitos grupos dissidentes da Igreja Católica. Entre estes grupos podem ser destacados os anabatistas. O nome anabatista vem do fato de este grupo defender o batismo voluntário dos convertidos - uma escolha consciente -, se posicionando contra o batismo compulsório e realizado na infância proposto pela Igreja Católica. Para os anabatistas, até mesmo os que haviam sido batizados quando crianças deviam passar por um novo batismo, o que explica o nome anabatista (re-batizador).

Após a reforma religiosa na Inglaterra, quando foi estabelecida a Igreja Anglicana, em 1534, surgiu o movimento denominado puritano. Entre os puritanos havia alguns grupos que defendiam um sistema eclesiástico congregacional, o batismo voluntário e a separação entre igreja e Estado por influência dos Anabatistas (SOUZA, 2010, p. 56-57).

Os elementos descritos anteriormente estão na gênese do que podemos chamar de movimento batista. Eles são encontrados em algumas congregações de natureza separatista. Entre elas se destacava a de Gainsborough (Inglaterra), que tinha como líderes o pregador John Smith e o advogado Thomas Helwys. Desta congregação, e sob a liderança de Smith e Helwys, parte um grupo de pessoas para Amsterdã (Holanda) em busca de liberdade religiosa. Ali eles organizam uma igreja de doutrina batista - nomenclatura que ainda não era usada pelo grupo - no ano de 1609.

Após algum tempo a igreja se divide, com algumas pessoas seguindo John Smith, que tenta se filiar aos menonitas, mas sem sucesso, e outras permanecendo com Thomas Helwys, que retorna com seu grupo para a Inglaterra.

Considerando-se as raízes do nome batista, a história começa com a organização da igreja de Spitalfields, nos arredores de Londres, em 1612,

por Thomas Helwys e seus seguidores já batizados na igreja de Amsterdã. É esta igreja que agora inicia a linhagem das igrejas batistas que começam a crescer na Inglaterra sob severa perseguição por dissentirem da igreja oficial, a Igreja Anglicana (SOUZA, 2010, p. 57).

Em razão da perseguição, os batistas optam por buscar a liberdade religiosa em outras partes do mundo. Um dos destinos pelos quais optam é a América do Norte.

Expansão Pelo Mundo

A ida dos batistas para as colônias da América do Norte foi um episódio fundamental para o futuro deste grupo. Nestes territórios, apesar da influência anglicana, os batistas encontram toda a liberdade que não possuíam na Inglaterra. Esta liberdade vinha justamente do fato de haver uma separação estrita entre o Estado, então em formação, e as estruturas religiosas.

Com o passar do tempo surgem as primeiras igrejas batistas em solo norte-americano. A primeira, chamada de Primeira Igreja Batista de Providence, é inaugurada no ano de 1639 na colônia de Rodhe Island graças à atuação de Roger Williams (SOUZA, 2010, p. 57-58).

Em 1791 começa um movimento que leva os batistas a se espalharem por diversas nações. Motivado pela compaixão pelos indianos, o pastor inglês William Carey decide começar uma campanha para enviar missionárias para a Índia. Um ano depois, em 1792, é criada, como consequência direta do movimento de William Carey, a Sociedade de Missões no Estrangeiro, que desde então trabalhou para tornar os batistas presentes em localidades como África, Ásia e Brasil.

O Ideário Batista

Uma das melhores formas de compreender quem são os batistas brasileiros é destacar alguns dos princípios que norteiam este grupo (o ideário batista). O professor Lourenço Stelio Rega resume o ideário dos batistas brasileiros destacando a sua compreensão quanto à sua missão no mundo:

Os batistas afirmam radicalmente a competência do indivíduo, tendo como norma infalível de fé e prática a Bíblia como revelação de Deus, a verdade de Deus para o homem que é totalmente depravado e pode ser

redimido (salvo) arrependendo-se de seus pecados e aceitando a Cristo como quem morreu em seu lugar na cruz do Calvário, devendo após este ato ser batizado por imersão e pertencer a uma igreja batista nela cooperando, especialmente frequentando os seus cultos, participando ativamente de seus trabalhos religiosos, especialmente pregando o evangelho, pois o lema batista é Só Jesus Cristo salva, pois Ele é a única esperança (REGA, 2001, p. 50).

É possível perceber a partir da leitura deste texto que a preocupação principal dos batistas do Brasil é o de conquistar almas e atuar na igreja, uma percepção pragmática da vida, que certamente não é fruto de profundas reflexões teológicas.

Para Antonio Gouvêa de Mendonça e Prócoro Velasques Filho, este é um traço claro do protestantismo brasileiro de origem missionária e conversionista, do qual os batistas fazem parte: “O individualismo conversionista produz ética também individualista, altamente excludente, não só do ambiente cultural, mas capaz de romper os laços familiares mais íntimos” (MENDONÇA, 1990, p. 33).

Outra ideia que deve ficar muito clara quando se fala do ideário dos batistas brasileiros é a de que os membros deste grupo se autocompreendem não como parte de um corpo mais amplo, cristão evangélico, mas sim como membros da única igreja verdadeira. Segundo Antonio Gouvêa de Mendonça e Prócoro Velasques Filho:

A denominação de “protestantes”, dada comumente aos batistas, é imprópria e geralmente recusada por eles mesmos. Autodenominam-se “batistas”, simplesmente, ou, melhor ainda, “um povo chamado batista”. Suas raízes históricas, segundo eles, estão no Novo Testamento. Não se consideram fruto da Reforma, embora tenham assumido seus pressupostos teológicos. Os batistas brasileiros são mais intransigentes em seus princípios e identidade do que os de outras partes por serem originários da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, muito conservadora (MENDONÇA, 1990, p. 42).

Esta é uma manifestação clara da “permanência do ideário landmarkista¹² no imaginário batista” (AZEVEDO, 2004, p. 213), que tem uma íntima relação com a teoria do rasto de sangue, sobre a qual se falou anteriormente neste trabalho. Este ideário moldou de forma muito peculiar a eclesiologia dos batistas, que sempre foi muito restritiva.

No entanto, apesar destas duas ideias fundamentais do ideário batista, o mesmo não apresenta uma total uniformidade. Segundo o pastor Lourenço Stelio Rega, na verdade “não há um dogma batista, em vez disso uma diversidade doutrinária (REGA, 2001, p. 48). Esta diversidade é uma consequência clara da forma de organização dos batistas. Apesar de terem uma organização para a promoção da cooperação - a Convenção Batista Brasileira - cada igreja é autônoma na sua prática eclesiológica. Entre os batistas não há um governo central que define o que as igrejas locais e seus ministros devem ou não realizar. Esta forma de funcionamento tem como origem a valorização do indivíduo, que leva a uma forma de organização da igreja na qual o ministro não tem a palavra final nas decisões, mas as mesmas são tomadas em uma assembleia formada por todos os membros da igreja. Neste arranjo, o poder está partilhado com cada indivíduo¹³.

Porém, apesar da diversidade doutrinária e da estrutura de governo descentralizada, os batistas brasileiros, através da CBB, definiram no ano de 1982 alguns princípios através dos quais eles se distinguiram no decorrer da história. Contudo, uma leitura atenta dos chamados princípios batistas permite que se perceba que em nenhum momento há uma reflexão específica e sistematizada sobre qual seria a missão dos batistas brasileiros, no sentido de uma vocação definida. Na verdade, esta reflexão acontece de forma pontual no decorrer do debate sobre quais seriam as responsabilidades deste grupo.

¹² Segundo o landmarkismo - termo em inglês que significa marco de território e cunhado a partir do texto de Provérbios 22.28 - existe apenas a igreja local e visível, não há um corpo universal de Cristo formado pelos cristãos independente da filiação denominacionais dos mesmos. Neste caso específico a igreja verdadeira é a batista, que segundo os adeptos deste ideário tem uma linhagem histórica desde o tempo de João Batista, o que confirma a supremacia dos batistas sobre os outros grupos. Além disso, é a partir do landmarkismo que surge a teoria de que os batistas não são protestantes, e não devem aceitar ordenanças de outros grupos cristãos evangélicos. Segundo o teólogo Israel Belo de Azevedo, “a lógica do landmarkismo era a seguinte: O reino de Deus prevaleceu; o reino sempre incluiu todas as igrejas verdadeiras; os batistas são a única igreja verdadeira; logo, os batistas sempre existiram” (AZEVEDO, 2004, p. 214).

¹³ Os batistas adotam o princípio do governo democrático (SOUZA, 2010, p. 71), ao menos na teoria é isto o que deveria acontecer. Porém, um olhar mais atento às igrejas batistas dos dias de hoje permite que se encontre comunidades nas quais as instâncias decisórias são quase que formadas apenas por parte da liderança, formando uma espécie de presbitério no qual são tomadas as decisões. Isto quando não são encontradas comunidades nas quais o pastor domina a igreja de forma totalmente autoritária.

O Que É Missão?

De que forma pode ser definida a missão da igreja? Como os diferentes grupos de cristãos que existiram no decorrer da história já interpretaram esta categoria? A mesma categoria apresenta uma forma invariável, ou pode variar no decorrer do tempo dependendo do contexto e da cultura na qual está inserida o grupo que a considera?

Estas são algumas das questões que nortearão este capítulo, que tem o objetivo principal de pensar sobre o que é a missão.

Algumas Definições

Apesar dos esforços de alguns em tentar simplificar a questão de como é que a categoria missão tem sido definida no decorrer do tempo, a resposta para a mesma não é simples e não admite apenas um caminho. Assim, como forma de levar o leitor deste trabalho a perceber a complexidade do tema tratado, serão destacadas neste momento algumas definições da categoria missão que foram elaboradas por estudiosos que têm se dedicado a este assunto.

A primeira definição de missão destacada aqui é a do teólogo equatoriano René Padilla. Ele diz que missão é:

Primordialmente *missio Dei* (missão de Deus). Nasce no coração de Deus, atua na história pelo poder do Espírito Santo, e visa a exaltação de Jesus Cristo como Senhor do universo e de cada área da vida humana, para a glória de Deus. Em síntese, a missão cristã começa e termina em Deus (PADILLA, 2009, p. 63).

Na definição de René Padilla o que mais se destaca é a percepção de missão como algo que não é produto da ação humana, mas que é resultado de Deus. Outro destaque que pode ser feito é que, na percepção deste pensador, a mesma não está apartada da história humana, mas se manifesta nela, atuando em todos os aspectos da vida humana. Também é interessante perceber que o autor afirma que o propósito da missão cristã é a exaltação de Deus como o Senhor do universo.

Outro teólogo que trabalha com a categoria de missão a partir do conceito de *missio Dei*¹⁴ é o sul-africano David J. Bosch. Para ele, missão é:

O *missio Dei* (missão de Deus), que é a auto-revelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e atividade de Deus, que compreende tanto a igreja quanto o mundo, e das quais a igreja tem o privilégio de participar (BOSCH, 2002, p. 28).

Assim como René Padilla, David J. Bosch percebe a missão como um elemento divino, elemento por meio do qual ele se revela à humanidade. Segundo este autor, a participação da igreja na missão de Deus consiste em um privilégio para a mesma.

A ideia de revelação, que pauta a proposta de David J. Bosch, também está presente na definição do inglês John R. Stott. Na percepção dele, missão:

Quer dizer atividade divina que emerge da própria natureza de Deus. Ora, o Deus vivo da Bíblia é um Deus que “envia”; eis aí, portanto, o significado da palavra. Ele enviou os seus profetas a Israel, e enviou seu Filho ao mundo. Este, por sua vez, enviou os apóstolos, os setenta e a igreja. Enviou também o Espírito Santo à igreja, e hoje os envia aos nossos corações (STOTT, 1982, p. 35).

Apesar de a definição de John R. Stott também destacar a revelação de Deus na criação, o que mais chama a atenção nela é o envio de Cristo e da igreja a todo o mundo como promotores da missão divina.

Já na definição do teólogo peruano Samuel Escobar o que mais se destaca é a ideia de que Cristo é o modelo de missão da igreja. Na concepção deste pensador, Cristo não é apenas o detentor de uma mensagem, mas encarna a própria mensagem, torna ela realidade. Desta forma, a igreja deve seguir este exemplo e se tornar a mensagem de Deus:

¹⁴ Segundo o pastor brasileiro Luiz Longuini Neto, o conceito de *Missio Dei* surgiu no ano de 1952 durante a Conferência Mundial de Missão Mundial, realizada pelo Concílio Missionário Internacional em Willingen (Alemanha). O conceito de *Missio Dei* “afirma que o ponto de partida da missão é a Santíssima Trindade, ou seja, o Pai enviou o Filho, e o Pai e o Filho enviaram o Espírito Santo para a redenção da humanidade” (LONGUINI NETO, 2002, p. 71).

Jesus Cristo, como modelo missionário, não foi apenas o portador de uma mensagem; ele próprio foi a mensagem, por seu modo de ser entre os homens, pelas qualidades de seu caráter, por seu modo de ser entre os homens, por sua compaixão e sua presteza em se aproximar dos homens em suas necessidades. O Novo Testamento é claro na exigência de que o crente e a igreja sejam uma expressão viva da mensagem, “carta viva”, como diz Paulo em 2 Coríntios 3.1-3 (ESCOBAR, 1982, p. 182).

Como falado anteriormente, estas são apenas algumas formas de se entender a categoria missão. A intenção não foi a de privilegiar uma definição em detrimento de outras, mas foi apenas a de levar o leitor a perceber que esta categoria pode ter várias formas de definição, definições estas entre as quais há tanto pontos de convergência como de divergência.

Segundo o pastor brasileiro Luiz Longuini Neto, o conceito de missão foi passando por diversas transformações no decorrer do tempo, sempre atendendo a determinados interesses:

Em linhas gerais, podemos afirmar que o conceito de missão foi-se transformando, paulatinamente, sempre de acordo com a perspectiva que atendia ao projeto missionário do momento. No início do século 20, numa abordagem soteriológica¹⁵, a missão foi concebida como salvação individual da condenação eterna. Em termos culturais, significou a introdução dos povos do leste e do sul nos privilégios e bênçãos do Ocidente cristão. Ainda em termos eclesiológicos, foi muitas vezes entendida como a expansão das igrejas ou denominações. Em alguns casos foi também concebida em termos de reino de Deus. Percebem-se, então, claramente, os vários enfoques e ênfases teológicas que se confundem e se entrelaçam, tais como cristologia, soteriologia e doutrina trinitária (LONGUINI NETO, 2002, p. 70).

¹⁵ A abordagem soteriológica é a abordagem realizada a partir do estudo sobre a salvação humana.

Missões Como O Paradigma De Missão Dos Batistas Brasileiros

A missão da igreja é realizar missões (proclamação verbal da mensagem de Cristo). Esta é uma fala comumente ouvida em muitas das igrejas contemporâneas¹⁶. Isto acontece porque o cristão se vê como o detentor de uma verdade que tem um grande potencial de transformação de vidas e que, por isto, deve ser espalhada por todo o planeta.

Para os partidários desta percepção de missão, a grande responsabilidade da igreja é de proclamar verbalmente a mensagem de Cristo. A ênfase é tão grande nesta proclamação verbal que pode-se até mesmo chegar ao ponto de deixar de lado qualquer tipo de ação que possa prejudicar este trabalho. Os que se identificam com esta percepção buscam na Bíblia a fundamentação necessária para defenderem sua posição. A mesma, afirmam, está em Mateus 28.16-20, texto que é conhecido como a Grande Comissão:

Partiram, pois, os onze discípulos para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes designara. Quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. E, aproximando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.

A partir de inúmeras interpretações feitas deste texto e que definem a atuação da igreja contemporânea, o teólogo René Padilla afirma que, para a maior parte dos evangélicos contemporâneos, “a missão é fundamentalmente o cumprimento de um mandato que Cristo deu a seus discípulos e que, antes de tudo, tem a ver com a pregação do evangelho em todas as nações da terra” (PADILLA, 2009, p. 31).

Em meio aos batistas brasileiros esta também é a interpretação dominante. Os esforços envidados pela liderança e pela maior parte dos membros desta denominação é para fazer com que todo ser humano tenha a oportunidade de ouvir a mensagem da salvação. Para isto são realizadas

¹⁶É bem verdade que com o advento de grupos pentecostais e neopentecostais no Brasil a percepção de missão, mesmo que não sistematizada ainda, vem experimentando grandes modificações no país. Uma rápida olhada em qualquer programa de TV produzido por estes grupos deixa evidente que a ênfase não está tanto na “salvação de almas”, mas sim na promoção de uma relação entre Deus e o homem baseada na realização de desejos do segundo através da ação do primeiro.

inúmeras campanhas anuais com o intuito de levantar recursos e mobilizar mais obreiros para evangelizar o Brasil e o mundo (“pregar o evangelho a cada criatura”). Segundo o pastor brasileiro José dos Reis Pereira¹⁷, um dos traços distintivos dos batistas brasileiros é o que ele denomina de “amor pela evangelização” (PEREIRA, 1985, p. 49-50). Para ele, esta é a preocupação principal deste grupo, herança esta que foi deixada pelo o que ele chama de obreiros pioneiros¹⁸.

Contribuiu para esta perspectiva de missão a herança dos norte-americanos, que iniciaram o trabalho batista no Brasil no ano de 1871. Pode-se afirmar isto porque os batistas brasileiros não conseguiram romper com a influência norte-americana na hora de formularem a sua teologia e cosmovisão. Na verdade, os batistas brasileiros sempre tenderam a reproduzir o ideário de seus “pais na fé”. Isto fica evidente quando se faz uma rápida análise de alguns princípios que distinguem o pensamento batista no Brasil. Entre eles o pastor Israel Belo cita a tendência de este grupo se considerar um forasteiro no mundo, o que ele chama de peregrinismo¹⁹.

Outra evidência da influência dos americanos junto aos batistas brasileiros aparece na visão dualista deste grupo. Ao contrário de buscarem uma prática religiosa que possa ser realizada de forma plena em todas as instâncias da existência, os batistas brasileiros tendem a evitar todo o elemento que possa ser considerado como algo afastado de Deus (que é percebido pelo grupo como uma entidade que atua em outra dimensão e que não pode se misturar com aspectos físicos da realidade).

No decorrer de sua história, os batistas brasileiros chegaram a se abrir para outras percepções de missão, como será visto no próximo capítulo. No entanto, a opção predominante nos dias e hoje é pela simples proclamação verbal do evangelho.

¹⁷ José dos Reis Pereira pode ser considerado uma das grandes referências dos batistas brasileiros durante o século 20. Suas ideias eram amplamente propagadas em meio à denominação através das aulas lecionadas no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil - instituição na qual é preparada grande parte da liderança dos batistas brasileiros - e dos textos que escrevia em O Jornal Batista, onde ocupava a posição de diretor de redação.

¹⁸ O pastor José dos Reis Pereira afirma que os pioneiros foram seis líderes dos primeiros 25 anos da história batista brasileira. Indivíduos estes que “lançaram as bases humanas sobre as quais se fundamentaram o trabalho e o progresso das igrejas batistas do Brasil” (PEREIRA, 1985, p. 49-50).

¹⁹ Uma casa protestante com certeza (...) tinha um quadro na parede de frente da sala: “Os dois caminhos” (apud ALVES, 1997, p. 133). Com a urbanização e com o aburguesamento dos protestantes, o quadro foi desaparecendo. Hoje ele está presente no interior e nas zonas periféricas das cidades, ou nesta forma ou na de uma outra: “A arca de Noé”. Ambos simbolizam que o protestante não é deste mundo. Ele está de passagem, como Noé esteve na arca. A exemplo dos fundadores da nação norte-americana, que se chamaram de peregrinos, eles também estão em marcha, só que para uma outra pátria, a mansão celestial (AZEVEDO, 2004, p. 174-175).

Dois Paradigmas De Missão Dos Batistas Brasileiros

Neste capítulo, o objetivo será apresentar dois dos inúmeros paradigmas de missão que podem ser encontrados entre os batistas brasileiros. Os mesmos foram escolhidos por sua representatividade. Para sistematizar este debate foram escolhidos textos dos pastores Delcyr de Souza Lima e David Malta Nascimento publicados em O Jornal Batista entre o final do ano de 1963 e o início de 1964.

O Jornal Batista

Ao se estabelecerem no Brasil, uma das preocupações iniciais dos missionários norte-americanos batistas foi a de propagar o seu ideário em meio ao povo brasileiro. Uma das formas de fazer isto foi por meio de publicações, entre elas O Jornal Batista, que foi criado no dia 10 de janeiro de 1901 no Rio de Janeiro (PEREIRA, 1985, p. 37). Entretanto, esta publicação só veio a se tornar o órgão oficial da Convenção Batista Brasileira algum tempo depois, durante a Assembleia do ano de 1909, realizada na cidade de Recife (PEREIRA, 1985, p. 87). Sobre o assunto, o pastor José dos Reis Pereira se pronuncia da seguinte forma:

Publicar o jornal foi a primeira preocupação dos missionários, quando resolveram colocar no Rio a casa editora. E, através dos anos, sobre ser um notável repositório de acontecimentos e pessoas da história batista brasileira, tem sido também sólido doutrinador do povo batista e firme defensor das convicções batistas. Sua coleção é leitura indispensável para quem desejar fazer um estudo sobre o progresso e o pensamento dos batistas brasileiros durante este século (PEREIRA, 1985, p. 78).

O fato é que O Jornal Batista, além de ser o veículo de comunicação oficial dos batistas brasileiros, foi também um instrumento por meio do qual foi moldado o ideário deste grupo.

Os Personagens

Para a realização desta análise foram escolhidos dois pastores. Qual a razão desta escolha? Eles foram escolhidos por ocuparem uma posição eclesiástica que possui grande representatividade e poder. Aqui se parte do pressuposto de que os pastores são agentes com amplas possibilidades de moldar o discurso de todo um grupo religioso. As palavras de Leonardo Boff que vêm a seguir servem para justificar esta afirmação:

Na igreja, os membros que detêm os meios de produção religiosa, que é simbólica, detêm também o poder e criam e controlam o discurso oficial. Sociologicamente considerando, na igreja vigora uma inegável divisão e desigualdade: um grupo produz o material simbólico, e outro apenas consome; há o ordenado, que pode produzir, celebrar e decidir, e o não ordenado, que assiste e se associa. Toda a capacidade de produzir e de decisoriamente participar dos excluídos deixa de ser aproveitada. O grupo detentor dos meios de produção simbólica elabora sua correspondente Teologia, que vem justificar, reforçar e socializar seu poder, atribuindo origem divina à forma histórica de seu exercício (BOFF, 2005, p. 99-100).

Tanto Delcyr de Souza Lima como David Malta Nascimento, no papel de pastores, produziram parte do discurso dos batistas brasileiros. Eles exerceram grande influência na época em questão (1963 e 1964).

Delcyr de Souza Lima

O pastor Delcyr de Souza Lima nasceu em São Fidélis, no estado do Rio de Janeiro, no dia 27/11/1927. Sua família se mudou para a cidade do Rio de Janeiro quando ele ainda era criança. Aos 15 anos ele se converte em culto realizado na Igreja Batista de Bangu. Ele cursou Teologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, sendo consagrado ao ministério pastoral no dia 4 de maio de 1952. Além disso, se formou em Direito.

Delcyr de Souza Lima também atuou por muitos anos como redator da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira e participou ativamente de O Jornal

Batista, publicando a coluna “Trincheira em defesa da sã doutrina”. Além disso, atuou como professor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. No ano de 1970 cria a Edições Brasil Batista (MARTINS, Acesso em: 29 ago. 2010).

David Malta Nascimento

David Malta Nascimento nasceu no estado da Bahia no dia 22/05/1919. Ao chegar à juventude ingressou no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, onde completou o curso de Teologia, após o qual alcançou também as graduações de Direito e Filosofia (CASTRO, acesso em: 29 ago. 2010).

Na década de 1950 assume a Igreja Batista de Barão da Taquara, na qual permaneceu por 42 anos. Nesta época ele também viu seu envolvimento denominacional crescer, participando de órgãos como comissões e conselhos. Durante todo este período, um dos assuntos que mais o interessavam era o da justiça social. Este foi um dos motivos que o levaram a ser, durante nove anos, secretário da Junta de Ação Social da Convenção Batista Carioca.

No final da década de 1940 e início de 1950 o pastor David Malta começa a se envolver cada vez mais com debates de teor político e social. Nos debates dentro do universo evangélico surge o movimento Diretriz Evangélica. Segundo David Malta Nascimento, os membros deste grupo não podiam “admitir uma sociedade tão injusta, com a riqueza acumulada e a miséria generalizada” (CASTRO, acesso em: 29 ago. 2010).

Trincheira X Diretriz Evangélica

No ano de 1963 os batistas brasileiros acompanhavam através das páginas de O Jornal Batista vários debates, alguns de natureza doutrinária, outros de natureza eclesiástica, além dos de natureza política.

Porém, a questão sobre a qual este trabalho se debruça é sobre a percepção de missão da igreja que os batistas brasileiros tinham naquele momento. O debate se circunscreve basicamente à amplitude e natureza desta missão. Alguns defendiam (e ainda defendem, pois este debate ainda está em pauta) que ela consiste apenas na proclamação verbal da mensagem de Cristo, enquanto outros afirmam que a missão da igreja é mais ampla, incluindo não apenas o aspecto espiritual, mas sim questões temporais, o que faz com que o cristão passe a ter responsabilidades políticas e sociais.

Uma leitura dos exemplares de O Jornal Batista do ano de 1963 permite que se perceba que o debate sobre a missão da igreja (mesmo que não seja com esta definição) começa a ganhar protagonismo com o passar do tempo.

Esta é uma questão abordada pelo próprio editorial de O Jornal Batista, escrita pelo então redator do mesmo, Almir dos Santos Gonçalves, que se vale de uma ideia muito propagada entre os batistas para defender a sua posição: “a maior necessidade do povo brasileiro, grandes ou pequenos, é o evangelho. Mudemos o coração do homem e os problemas irão desaparecendo. Parece que estamos confiando muito em expedientes políticos, técnicos e sociológicos” (GONÇALVES, 29 jun. 1963, p. 2).

Já a Ordem dos Ministros Batistas do Brasil voltou ao assunto, mas com uma posição totalmente diferente, no mês de setembro de 1963, por meio de um manifesto²⁰ publicado na capa de O Jornal Batista no qual afirma que o Evangelho de Cristo é “uma resposta satisfatória a todos os anseios da criatura, e uma solução cabal a todos os problemas da humanidade”, inclusive propondo reformas que possibilitem “à criatura a concretização de seus legítimos anseios terrenos”, entre os quais estão “reforma agrária”, “reforma eleitoral”, “reforma administrativa” e “reforma da previdência social” (PEREIRA, 14 set. 1963, p. 1).

Entretanto, o espaço no qual este debate tinha cadeira cativa era na seção “Diretriz Evangélica”, que era redigida por David Malta Nascimento e que foi inaugurada no dia 21 de janeiro de 1961, o que fez com que a ênfase à responsabilidade social virasse assunto constante em O Jornal Batista (AZEVEDO, 1983, p. 287).

Além disso, David Malta Nascimento critica, em sua coluna em O Jornal Batista, o que chama de visão defeituosa da igreja. Ao fazer isto ele questiona diretamente os partidários de um evangelho que está descompromissado com as questões sociais, posição que fica mais evidente no texto a seguir:

É impressionante a distorção mental, doutrinária e teológica que revelam certas pessoas, quando, de algum modo se expressam a respeito da missão cristã que no mundo, nos cumpre realizar (...) a distorção e o irrealismo repontam-lhes nas minhas intervenções. Por isso mesmo, a linguagem que falam quase não chega mais a ser compreendida. Não

²⁰ Como primeiro signatário deste documento aparece o pastor José dos Reis Pereira, que na oportunidade ocupa a presidência da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil. No entanto, é importante salientar que, posteriormente, este líder batista retira a sua assinatura deste documento (AZEVEDO, 1983, p. 291).

entenderam ainda e teimam em não entender o sentido totalitário do Cristianismo e o caráter global de sua mensagem. Não chegaram a perceber que a ênfase absolutamente certa dada ao aspecto escatológico da fé não exclui a compreensão do homem como unidade e, conseqüentemente, também na sua dimensão social, existencial (NASCIMENTO, 2 set. 1963, p. 5).

Desta forma, David Malta Nascimento critica o afastamento da igreja para com a sociedade, e defende que os crentes devam testemunhar um evangelho integral, “que reivindique ‘justiça para os pobres, os fracos e os oprimidos’” (AZEVEDO, 1983, p. 288). Nas palavras de Israel Belo de Azevedo, esta posição preconiza que o Cristianismo não pode se limitar à esfera individual, mesmo que “seja necessário pregar à pessoa para que, esta se convertendo, restabeleça primeiro a sua relação com Deus” (AZEVEDO, 1983, p. 288).

No entanto, um tipo de posicionamento de caráter tão crítico ao *status quo* (estado das coisas) então existente não ficou sem respostas, tanto de apoio²¹ como as de caráter contrário.

Entre os maiores críticos às colunas de David Malta Nascimento em O Jornal Batista está Delcyr de Souza Lima, que lança no dia 16 de novembro de 1963 a coluna “Trincheira em defesa da sã doutrina”. Logo em sua primeira coluna, Delcyr de Souza Lima deixa claro qual é o seu propósito com esta publicação:

Esta coluna surge para atender uma necessidade. A de termos uma trincheira de onde ininterruptamente ofereçamos resistência às forças invasoras que põem em perigo o edifício das nossas convicções e a natureza das nossas atividades. Forças invasoras? Sim. Estamos sendo vítimas de uma invasão de conceitos. Está se começando a guerra de ideias que pode desvirtuar o conceito correto que temos do evangelho; que pode confundir o povo quanto à verdadeira missão das igrejas, e que pode desviar as atenções e atividades da mocidade para causas duvidosas. Esta invasão não é feita por inimigos declarados dos batistas, mas sim por homens que pertencem ao nosso próprio território. São homens que, dando-nos a impressão de estarem

²¹ Aqui merece destaque o pastor Hécio da Silva Lessa, que escreveu a coluna da “Comissão de Ação Social” em O Jornal Batista, seção esta com uma agenda temática muito parecida com a da “Diretriz Evangélica”. Inclusive, o pastor Hécio da Silva Lessa também foi membro ativo do movimento Diretriz Evangélica.

insatisfeitos com tudo e com todos, menos consigo próprios e com suas ideias, arremetem contra o cristianismo, acusando-o de estar falhando em sua finalidade. (...) Querem, ao que parece, arrancar as igrejas de sua atividade evangelizadora para lançá-las nas ruas, na refrega das lutas de classes. Querem as igrejas na política (LIMA, 16 nov. 1963, p. 4).

Na percepção de Delcyr de Souza Lima, em nenhum momento Jesus prometeu solução para as questões temporais do ser humano: “ele não veio para tentar reformar o mundo, mas veio para salvar almas deste mundo para outro, que está criando” (LIMA, 16 nov. 1963, p. 4). Sem dúvida alguma, uma percepção que se contrapõe diretamente às ideias de David Malta.

Com a aproximação do final do ano de 1963 os artigos de Delcyr de Souza Lima passam a evidenciar mais quais eram os alvos de suas críticas: todos aqueles que defendiam que a missão da igreja poderia incluir elementos que não fossem a proclamação verbal do evangelho. Em dezembro 1963 este líder batista chega a dedicar uma das edições de sua “Trincheira” para a “Missão da igreja em todos os tempos”. Neste texto ele afirma:

Discutem-se, por aí, teses de títulos empolados como estes: “a missão da igreja no mundo moderno” ou “responsabilidade social da igreja”, etc. Atrás dos títulos vêm sempre a mesma pregação herética: a que conclama a igreja para acordar da sua cegueira e para reconhecer a sua verdadeira missão. (...) A missão da igreja, que é a obra de Deus, é que os homens creiam naquele que Deus enviou ao mundo. Em outras palavras, a missão da igreja é levar os homens a conhecerem a Jesus com filho de Deus e salvador, e persuadi-los a crerem nele. Esta é a obra de Deus. Esta é a missão da igreja em todos os tempos. O que passa daí é humano e pernicioso (LIMA, 21 dez. 1963, p. 4).

Diante de ataque tão direto, David Malta Nascimento responde na mesma moeda a Delcyr de Souza Lima com a publicação de uma carta aberta na edição de 4 de janeiro de O Jornal Batista. Neste artigo, o autor critica o fato de o seu colega de ministério estar pouco aberto ao diálogo, se mostrando mais preocupado em garantir, às vezes de forma agressiva e desrespeitosa, que suas ideias sejam mantidas em detrimento das de outras pessoas. Segundo David Malta Nascimento, o

autor da “Trincheira” apresentava uma teologia “isolacionista. Alienada. Enclausurada” (NASCIMENTO, 4 jan. 1964, p. 4).

Na verdade, este embate não teve muito mais desdobramentos, pois no mês de fevereiro de 1964 assumiu o novo diretor de redação de O Jornal Batista, José dos Reis Pereira, que interrompeu tanto a publicação da “Diretriz Evangélica” e da “Trincheira”²². Segundo versão de Israel Belo de Azevedo, a interrupção da publicação destas colunas aconteceu justamente por solicitação do novo diretor de O Jornal Batista (AZEVEDO, 1983, p. 290), que não era afeito a polêmicas.

Conclusão

A igreja vive dias nos quais se depara com inúmeros questionamentos, desde aqueles que tratam da sua validade, passando pelos que analisam o seu papel e chegando aos que abordam a sua forma de atuação.

Neste trabalho foi realizado um esforço para se iniciar uma reflexão sobre a teologia da missão dos batistas brasileiros. A partir deste esforço foi possível confirmar algumas das suspeitas do autor existentes no início do estudo, enquanto outras demonstraram ser justamente o oposto do que se esperava.

Entre as suspeitas que não se confirmaram a principal foi a percepção, equivocada, do pesquisador de que haveria um interesse pequeno em relação à questão da missão da igreja. A realização deste estudo permitiu constatar que, na verdade, este é assunto muito debatido e estudado.

Já entre as suspeitas confirmadas, a primeira é a de que os batistas brasileiros não possuem uma percepção de missão única. Na verdade, há uma variedade quanto à percepção de missão de uma igreja para a outra, de líder para líder, inclusive dentro do ambiente da Convenção Batista Brasileira.

Outra suspeita existente no início deste trabalho e que se confirma ao final do mesmo é a de que não há um único estudo sistematizado, de caráter oficial ou não, sobre a questão da teologia de missão entre os batistas brasileiros, o que se apresenta como uma linha de pesquisa interessante para ser implementada no futuro.

²² A última edição de O Jornal Batista com estas duas publicações foi no dia 1 de fevereiro de 1964, primeira edição da publicação sob a responsabilidade do pastor José dos Reis Pereira.

Outro dado que merece ser evidenciado ao final do trabalho é a opção quase que majoritária dos batistas brasileiros por uma percepção de teologia de missão em detrimento de outras. Em meio aos batistas brasileiros a percepção que defende que a missão cristã se limita somente à proclamação verbal da mensagem do evangelho é a que se sobrepõe às demais. Talvez a explicação para este fenômeno seja encontrada no fato de os batistas brasileiros não terem ainda se dedicado à formulação de uma reflexão teológica própria, que esteja alinhada às questões e demandas específicas do contexto do Brasil contemporâneo. Na verdade, os batistas brasileiros ainda trabalham com princípios teológicos provenientes de outros países, especialmente dos Estados Unidos, e de um contexto histórico já ultrapassado. No entanto, o panorama começa a mudar um pouco nos últimos anos, quando as instituições de formação de liderança da Convenção Batista Brasileira começam a se abrir para outras percepções teológicas.

Porém, após se considerar tudo o que foi abordado neste trabalho, algo salta aos olhos: Em um contexto como o atual, no qual as grandes verdades são questionadas e a análise crítica em todos os âmbitos da existência é elemento fundamental, não faz mais sentido que a igreja não pare para repensar a sua razão de existir. Por mais que a mesma esteja fundamentada em princípios que não podem ser totalmente apreendidos e explicados pela razão humana, o fato é que a missão da igreja deve ter tanto validade para Deus como para o ser humano.

Desta forma, o autor do presente trabalho conclui que o desafio da igreja batista agora é o de repensar a sua missão de forma que se torne uma instituição cada vez mais relevante para o homem contemporâneo. No entanto, a motivação deste movimento não deve ser o desejo de obter maior representatividade social ou política, mas sim manifestar de forma cada vez mais evidente o elemento que Jesus afirma que é central na prática cristã, o amor: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22.37-39).

Segundo esta perspectiva, a igreja conseguirá se tornar uma instituição cada vez mais relevante na medida em que, como afirma Roberto Ervino Zwetsch (ZWETSCH, 2007, p. 272-273), entender a missão como compaixão, como um elemento que a motiva a se envolver com as demandas, necessidades e crises do homem contemporâneo. Uma instituição que está realmente disposta a ser instrumento de promoção do Reino de Deus, aqui e agora, independente dos desafios que se apresentam.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem Azevedo. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

AZEVEDO, Israel Belo de. *A Celebração do Indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

_____. *As Cruzadas Inacabadas: introdução à história da igreja na América Latina*. Rio de Janeiro: Gêmeos, 1980.

_____. *A Palavra Marcada: Um estudo sobre a teologia política dos batistas brasileiros, de 1901 a 1964*. 375 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teologia do Seminário Teológico do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1983.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Revisada: Edição de Acordo com os melhores Textos em Hebraico e Grego**. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Geográfica, 2010.

BOFF, Leonardo. Igreja: *carisma e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia de Missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CASTRO, Alexandre; FERNANDES, Clemir. *David Malta do Nascimento: pioneirismo na defesa intransigente da justiça*. Disponível em: <<http://www.novosdialogos.com/artigo.asp?id=115>>. Acesso em: 29 ago. 2010.

ELIZONDO, Virgil; BOFF, Leonardo. *A voz das vítimas: quem as escutará?* **Concilium**, Petrópolis, vol. 232, n. 6, p. 6-9, 1990.

ESCOBAR, Samuel. A evangelização e a busca de liberdade, de justiça e de realização do homem. In: _____. *A Missão da igreja no mundo de hoje: As principais palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado em Lausanne, Suíça*. São Paulo: ABU Editoria, 1982. p. 173-194.

FEATHERSTONE, Mike. *Localismo, globalismo e identidade cultural*. In: Sociedade e Estado, V. XI, nº 1. Brasília: UNB, jan-jun/1996, p. 9-42.

GONÇALVES, Almir dos Santos. *Para onde irá a denominação batista*. O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 29 jun. 1963. Editorial, p. 2.

GONZÁLEZ, Ondina E.; GONZÁLEZ, Justo L. *Cristianismo na América Latina, uma história*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

LIMA, Delcyr de Souza. *Definindo Posição*. O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 2 fev. 1964. Trincheira em defesa da sã doutrina, p. 4.

_____. *Na defesa da sã doutrina*. O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 16 nov. 1963. Trincheira em defesa da sã doutrina, p. 4.

_____. *Pastores engraçadinhos*. O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 23 nov. 1963. Trincheira em defesa da sã doutrina, p. 4.

LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão: Os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002.

MARTINS, Mário Ribeiro. *Dicionário bibliográfico de membros da Academia Evangélica de Letras do Brasil*. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=8271&cat=Ensaios&vinda=S>>. Acesso em: 29 ago. 2010.

NASCIMENTO, David Malta. *Carta aberta ao pastor Delcyr de Souza Lima*. O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 4 jan. 1964, p. 4.

_____. *Cristianismo*. O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 23 nov. 1963. Diretriz Evangélica, p. 5.

_____. *Nossa Posição*. O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 1 jun. 1963. Diretriz Evangélica, p. 5.

_____. *Visão defeituosa*. O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 2 set. 1963. Diretriz Evangélica, p. 5.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil*. São Paulo: Vida Nova, 2005

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. *Perseguidos, mas não desamparados: 90 anos de perseguição religiosa contra os batistas brasileiros (1880-1970)*. Rio de Janeiro: JUERP, 1999.

PADILLA, René. *O que é Missão Integral?* Viçosa: Ultimato, 2009.

PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil (1882-1982)*. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

_____. (Pre.). *Manifesto dos Ministros Batistas do Brasil*. O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 14 set. 1963, p. 1.

REGA, Lourenço Stelio. *A Educação Teológica Batista no Brasil: Uma análise história de seu ideário na gênese e a sua transformação no período de 1972 a 1984*. 256 p. Dissertação

(Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

STOTT, John R. W. A base bíblica da evangelização. In: _____. *A Missão da igreja no mundo de hoje: As principais palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado em Lausanne, Suíça*. São Paulo: ABU Editoria, 1982. p. 33-53.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (Org.). *Pacto e Comunhão*. Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2010.

YAMABUCHI, Alberto Kenji. *O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980*. 387 p. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2009.

ZWETSCH, Roberto Ervino. *Missão Como Com-Paixão: Por uma Teologia da Missão em Perspectiva Latino-Americana*. 405 p. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2007.